



A experiência dos assentados de Tapes-RS: arroz agroecológico e a atuação da COOPAT rumo à soberania alimentar

The experience of the settlers of Tapes-RS: agroecological rice and COOPAT towards food sovereignty

SOUZA, Kamille Marques de¹; COSTA, Juliana de Almeida², BETTO, Janaina³; NEUMANN, Pedro Selvino⁴; ZARNOTT, Alisson Vicente⁵

¹ Universidade Federal de Santa Maria, kamille.marques@acad.ufsm.br; ² Universidade Federal de Santa Maria, julianaalmeidacosta2017@gmail.com; ³ Universidade Federal de Santa Maria, janabetto@gmail.com; ⁴ Universidade Federal de Santa Maria, neumannsp@yahoo.com.br; ⁵ Universidade Federal de Santa Maria, alisson.zarnott@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: A produção convencional de arroz na Região Metropolitana de Porto Alegre trouxe crises econômicas, impactos ambientais e intoxicações. A partir da conscientização dos assentados buscou-se a transição à produção agroecológica, sendo o assentamento de Tapes pioneiro nas experiências com arroz agroecológico e na diversificação de variedades dele. Este trabalho detalha a Cadeia Produtiva do Arroz Agroecológico em Tapes, destacando o pioneirismo, a produção coletiva, a ampla variedade de arrozes cultivados e os benefícios dessa diversificação. Esse trabalho consiste numa revisão bibliográfica, com entrevista e análise de mídias sociais e visa contribuir com o entendimento sobre essa experiência de diversificação agroecológica. A experiência de Tapes mostra que a COOPAT foi fundamental à comercialização dos produtos agroecológicos e ao incentivar a diversificação do arroz trouxe benefícios aos assentados e aos consumidores, para a saúde, a alimentação, a nutrição, bem como ao meio ambiente.

Palavras-chave: cooperativismo; nutrição; diversidade; conscientização.

Introdução

A hegemonia cravada pela prática da agricultura convencional na cadeia produtiva do arroz na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) originou, de acordo com Vignolo *et al.* (2011), crises econômicas e impactou negativamente a biodiversidade, o meio ambiente e os agricultores. As intoxicações causadas pelo uso de agrotóxicos e os prejuízos econômicos suscitaram manifestações por parte desses trabalhadores a fim de reverem as práticas de produção do arroz na região.

A RMPA, a partir de 1988, pela Reforma Agrária recebeu famílias de várias regiões do Rio Grande do Sul e também de Santa Catarina, com poucas experiências em cultivos de arroz irrigado (MARTINS, 2017). A iniciativa dos assentados em mudar da agricultura convencional para a produção agroecológica do arroz foi um grande desafio. O Arroz agroecológico produzido por assentados da Reforma Agrária vem sendo assim denominado dada a diferença atribuída pelo MST entre agricultura orgânica, que se refere às técnicas de cultivo, e a Agroecologia, tida pelo movimento como uma ciência que também carrega um caráter político por abranger dimensões produtivas, econômicas, sociais e culturais. Segundo Altieri (2008), a



Agroecologia integra princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo.

A primeira experiência com o arroz agroecológico, que alavancou a Cadeia de Arroz Agroecológico da RMPA, se deu em 1999 no assentamento Lagoa do Junco/Hugo Chávez, com a Cooperativa de Produção Agropecuária de Tapes – COOPAT. O objetivo deste trabalho é descrever particularidades da Cadeia Produtiva do Arroz Agroecológico em Tapes, dando especial atenção ao pioneirismo e produção coletiva, à diversidade de variedades de arroz cultivadas e aos benefícios decorrentes dessa diversificação.

Metodologia

Esse trabalho foi desenvolvido, principalmente, como uma revisão bibliográfica acerca do tema, com o suporte de entrevista com roteiro semiestruturado com informante-chave e acesso às mídias sociais do MST, através de uma abordagem qualitativa, caracterizada, segundo Minayo (2009), por um 'ciclo de pesquisa' que é constituída de três etapas: a etapa exploratória, a do trabalho de campo e a da análise e tratamento do material empírico e documental. A realização desse artigo, é fruto do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Extensão e Pesquisa em Territorialidades, Extensão Rural e Reforma Agrária (TERRA) na Universidade Federal de Santa Maria, para compreensão dos passos e caminhos percorridos pelo MST na transformação da matriz de produção. Em busca de compreender e sistematizar a experiência de produção de arroz agroecológico da RMPA, o grupo realizou uma saída a campo e diferentes pesquisas bibliográficas abordando as especificidades existentes em cada cooperativa e município, dando fruto a diferentes trabalhos elaborados pelo Núcleo.

Resultados e Discussão

Tapes-RS e o assentamento Lagoa do Junco/Hugo Chávez

Localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) no Rio Grande do Sul, o município de Tapes conta com uma população estimada pelo IBGE, para 2021, de 17.363 habitantes e possui uma área de 805 km². O Censo Demográfico de 2010 contabilizou para a época cerca de 14.500 pessoas residentes no meio urbano e cerca de 2 mil pessoas residentes no meio rural. De acordo com o IBGE, em 2021 a produção agropecuária se destacou com a produção de mandioca, seguida de batata doce e tomate. Além destes, o arroz (com produtividade de 8 toneladas por hectare) produziu um valor de 278 milhões de reais, sendo um dos principais cultivos do setor primário local.



A Cadeia do Arroz Agroecológico da Região Metropolitana de Porto Alegre- RS e o pioneirismo do Assentamento Lagoa do Junco/Hugo Chávez

Segundo Martins (2017), na RMPA a partir da década de 80 o progresso ocasionado pela industrialização foi freado devido a vários fatores, como estagnação econômica e processo inflacionário elevado. Frente a esse impasse, na década de 90 houve ampliação de áreas plantadas dos arrozeiros, no entanto, não se obteve sucesso, haja vista as ações do governo com a instalação do Plano Real, levando os orizicultores à falência (MARTINS, 2017), propiciando a divisão dessas áreas, seja para venda ou para Reforma Agrária, dada a reivindicação de terras por parte dos movimentos sociais na época (GUTIÉRREZ, 2012). Desse modo, as grandes fazendas e engenhos de arroz vieram a se tornar as atuais áreas de assentamentos, que surgem em quatro momentos, sendo no terceiro (a partir de 1995) a implementação do assentamento em Tapes-RS (GUTIÉRREZ, 2012). Para o autor, esse redirecionamento gerou interesses de produtores de outro estado, os quais com a ajuda da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI introduziram o manejo pré-germinado e desta forma arrendavam áreas dos assentados para o cultivo convencional. Os assentados, mesmo obtendo vantagens econômicas com esse sistema, perceberam alguns prejuízos à saúde e ao ambiente do local, passando a não arrendar seus lotes. Essa decisão, segundo Gutiérrez (2012) que buscava garantir sustentabilidade, segurança alimentar e saúde, favoreceu a inserção da forma de produção agroecológica na região a partir das hortas para autoconsumo e com o tempo se consolidou no cultivo de arroz irrigado.

O êxito na produção de arroz na RMPA tem parte da trajetória marcada pela entrada da produção agroecológica no assentamento Lagoa do Junco/Hugo Chávez, que surge em 1995 com 26 famílias, catarinenses e gaúchas, em uma área de 790 hectares de terra (INCRA, 2022), ilustrada pela Figura 1.



Figura 1: Vista aérea do assentamento Lagoa do Junco/Hugo Chávez em Tapes-RS.
Fonte: Atlas do Espaço Rural Brasileiro - PGI (IBGE).

As condições edafoclimáticas favoráveis em Tapes, juntamente com o relevo plano das várzeas férteis e o acesso à Lagoa dos Patos, possibilitaram a produção



rentável e agroecológica de arroz. O Assentamento Lagoa do Junco desempenhou um papel pioneiro nessa transição desde 1998, contribuindo para a formação de uma sólida rede de cooperativas ao longo do tempo.

Martins (2017) alega que as famílias constituíram, a partir da ocupação das antigas fazendas, um complexo de cooperação econômico-produtivo e comercial para atender às suas necessidades. E para que essa forma de cooperação transformasse a matéria prima colhida, foi necessária a construção de uma unidade de armazenamento, secagem e beneficiamento no assentamento. A Cooperativa de Produção Agropecuária de Tapes – COOPAT fica localizada no assentamento de Tapes. Conforme Costa (2015), a Cooperativa dos Trabalhadores da Região de Porto Alegre (COOTAP), ao reconhecer a excelência da COOPAT, construiu uma parceria para beneficiar e empacotar os produtos.

Martins (2017) afirma que após o Terceiro Seminário de Arroz Ecológico, em 2004, houve a criação do Grupo Gestor do Arroz Ecológico¹ para tratar não apenas do âmbito econômico da produção em Tapes, mas de toda a RMPA, além de promover conhecimentos através da Agroecologia e garantir a certificação orgânica, demonstrando que essa experiência, gerenciada democraticamente, obtém êxito numa cadeia produtiva complexa.

Variedades do Arroz Agroecológico de Tapes - RS e os benefícios da diversificação produtiva com o arroz

Silva e Hernandez (2019) destacam que, para os assentados, a localização do assentamento é uma grande vantagem, dada a facilidade de acesso à cidade e à Porto Alegre, para comercialização dos produtos em feiras e programas institucionais. A busca por oferecer produtos diferenciados às famílias e à população sempre foi um dos objetivos da COOPAT, podendo ser confirmada pela estruturação de uma padaria antes mesmo da criação do Grupo Gestor e que, primeiramente, funcionava para atender a comunidade do assentamento e que se expandiu para comercialização, como verificou Costa (2015), que também comenta que a capacidade adquirida na Cooperativa começou através das vendas das hortaliças e do arroz em feiras e varejões. Segundo a autora, a partir de 2006 com aumento da oferta de produtos e o reconhecimento pelos órgãos públicos, a padaria ganhou a dimensão comercial e passou a atender ao PNAE e à CONAB, necessitando de contratação de mão-de-obra. Isso acarretou na absorção de pessoas que eram designadas à horta coletiva, determinando o cessar da mesma a fim de adaptações ao mercado, passando a manter somente hortas individuais. Por outro lado, a maior atenção dada à padaria trouxe benefícios, como o beneficiamento do arroz. Em 2022, a COOPAT passou a fabricar cereais matinais e farinha de arroz (RAUBER, 2022), atendendo público de pessoas com restrições alimentares.

¹ Com o passar do tempo o Grupo Gestor do Arroz se tornou sistema interno de controle, para diálogos, definição de objetivos e estratégias, coordenação da cadeia produtiva do arroz (MARTINS, 2017).



Essa tentativa por diferenciação dos produtos vem sendo conquistada também com a diversificação das espécies de grãos colhidos no assentamento, conforme apontado por uma informante chave da pesquisa. Ela afirma que por meio de conhecimentos adquiridos pelos produtores e demais cooperativados através da agroecologia, houve a conscientização da importância das diferentes variedades de arroz na cultura alimentar, sobretudo, pelas vantagens nutricionais oferecidas. Estes produtos possuem um mercado específico, devido à “crescente demanda por produtos que contribuam para melhorar o padrão alimentar da população” (PEREIRA et al., 2009). Isso garante um aparato à soberania alimentar das famílias e segurança alimentar e nutricional destas e dos consumidores. Os assentados, ao cultivarem o arroz agulhinha, o arroz vermelho, o arroz preto, o arroz cateto, dentre outros, fortalecem a agrobiodiversidade, ofertam um leque cultural alimentar e cultivam além da diversidade alimentar, alimentos nutricionalmente ricos e economicamente viáveis em razão da diferenciação de preço, (BASSINELLO et al., 2008). O arroz vermelho, por exemplo, é considerado uma “excelente alternativa para o combate à subnutrição, em especial junto a populações carentes que têm no arroz o produto básico da sua dieta alimentar” (PEREIRA et al., 2009). Comparados ao arroz polido e integral, o arroz preto e o arroz vermelho possuem mais proteínas, fibras e minerais, mais compostos fenólicos (antioxidantes), aromas e sabores particulares.

Conclusões

A prática agroecológica no assentamento Lagoa do Junco está associada à consciência sócio-político-ambiental. A busca por uma maior qualidade de vida e por uma alternativa ao modelo convencional fez com que essas famílias fossem pioneiras na produção agroecológica cooperativada em sua localidade. Com isso provaram ser possível produzir com base ecológica em grande escala e com responsabilidade social. O cultivo de diferentes variedades de arroz, além de permitir a manutenção das mesmas e beneficiar em termos nutricionais os consumidores, proporciona resultados econômicos para as famílias. A experiência do Assentamento Lagoa do Junco produziu inúmeros aprendizados que contribuíram e contribuem com a Agroecologia, através da produção e da troca de saberes realizadas através desta prática produtiva em coletividade. Isso tudo tem propiciado uma melhoria no padrão alimentar tanto das famílias assentadas quanto dos consumidores, provando a atualidade da necessidade da reforma agrária e da Agroecologia.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

BASSINELLO, Priscila Z. *et al.* Arroz preto: nova opção culinária para o Brasil. **Comunicado Técnico**, 147, Santo Antônio de Goiás, GO, 2008.



COSTA, Letícia B. **Processos de mudanças e transformações organizacionais em uma cooperativa de produção agropecuária da área de reforma agrária: limites e avanços**. O caso da Cooperativa de Trabalhadores Assentados de Tapes. 2015. 189 p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GUTIÉRREZ, Luis A. L. **Agroecologia e desenvolvimento de assentamentos de reforma agrária: ação coletiva e sistemas locais de conhecimento e inovação na Região Metropolitana de Porto Alegre**. 399 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Brasília: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2023.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Assentamentos**. Brasília: INCRA, 2022. Disponível em: assentamentosgeral.pdf (www.gov.br). Acesso em: 5 jul. 2023.

MARTINS, Adalberto F. G. **A produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre: territórios de resistência ativa e emancipação**. 296 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MINAYO, Maria C. de S.; DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, José Almeida et al. Comparação entre características agronômicas, culinárias e nutricionais em variedades de arroz branco e vermelho. **Revista Caatinga**, Mossoró, RN, v. 22, n. 1, p. 243-248, 2009.

RAUBER, Maiara. Cooperativa do MST RS conquista certificação orgânica de Flocos de Arroz. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2022/02/08/cooperativa-do-mst-rs-conquista-certificacao-organica-de-flocos-de-arroz>. Acesso em: 7 jul. 2023.

SILVA, Naiara M. da; HERNANDEZ, Aline R. C. **Do território à territorialidade: construção do espaço do Assentamento do MST Lagoa do Junco em Tapes, RS**. **Cofins** [Online], n. 43, 2019.



VIGNOLO, Antonio M. dos Santos et al. A produção de arroz orgânico nos assentamentos da Reforma Agrária na região perimetropolitana de Porto Alegre, RS. **Cadernos de ciência e tecnologia**, v. 28, n. 2, p. 447-466, 2011.